

A pandemia reveladora: limites e reinvenções da epidemiologia

The revealing pandemic: limits and reinventions of epidemiology

La reveladora pandemia: límites y reinversiones de la epidemiología

EPIDEMIOLOGIA NO PÓS-PANDEMIA: DE CIÊNCIA TÍMIDA A CIÊNCIA EMERGENTE. Almeida Filho N. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2024. 699 p. ISBN: 978-65-5708-194-5.

doi: 10.1590/0102-311XPT102626

Antecipando a resenha que fazemos do livro *Epidemiologia no Pós-pandemia: De Ciência Tímida a Ciência Emergente* de Naomar de Almeida Filho ¹, algumas considerações merecem ser feitas. De um lado, a notabilidade, a capacidade e a integridade científicas do autor, cujo reconhecimento está absolutamente inscrito na comunidade técnico-científica do setor saúde. De outro, a outorga do Prêmio Jabuti 2025 reforça a excelência da qualidade do trabalho, o que constitui característica marcante dos produtos intelectuais por ele oferecidos.

Na abertura do livro, as ponderações registradas nos prefácios e na apresentação da primeira edição, feitas respectivamente por José Ricardo Ayres, Mario Testa e Juan Samaja, já *de per se* assinalam os instigantes diálogos propostos pelo autor nos capítulos.

Longe de ser um livro didático e formal sobre epidemiologia, trata-se de formulações desafiadoras, inovadoras e provocativas sobre a epidemiologia, como ciência. O autor elabora seu pensamento com vistas a evidenciar a superação da aparente timidez da epidemiologia e a revelar seu potencial como ciência densa e exuberante. Sua redação, ao registrar, de modo original, co-

mo um ensaio-depoimento-memória, dá origem a um texto cuja leitura, por vezes, assemelha-se a um colóquio travado diretamente com o leitor, por conta de seu estilo, sempre presente, de transmissão de conhecimentos científicos para usar um termo usual da moderna comunicação: amigável.

Percorrer os 23 capítulos do livro permite visualizar a trajetória da vida acadêmica de Naomar que, em muitos deles, se detém, de modo apropriado e por vezes explorando sua invejável capacidade literária, a descrever os estímulos desencadeantes das reflexões, bem como identificar personalidades científicas com as quais manteve contato. Seu olhar curioso transparece nesses contatos e estímulos dando a entender e compreender suas postulações merecedoras de atenção da comunidade epidemiológica e dos campos disciplinares da Saúde Coletiva. Seu cuidado ao descrever os capítulos é competentemente embasado na bibliografia existente, oferecendo uma extensa e generosa lista de referências bibliográficas que, por si só, se constitui em valioso acervo, facilitando o acesso aos produtos técnico-científicos nacionais e internacionais.

A leitura dos capítulos revela a preocupação de Naomar em desconstruir/reconstruir o objeto, os conceitos, os métodos, as práticas da epidemiologia e, para tanto, em vários dos capítulos, traz um amplo debate sobre a concepção de saúde e seus conceitos. Faz-se valer de um procedimento pouco usual na comunidade epidemiológica que é a interlocução com áreas diversas da ciência, como, entre outras, a filosofia/episte-



mologia e, particularmente, com a quase ausente atenção com as questões teóricas. A partir dessa iniciativa bem elaborada, ainda que se possa a ela se contrapor em pontos específicos (aqui vale a menção ao diálogo a que ele se propõe), ressalta-se que, como indica sua postulação, apesar de trabalhar com saúde, a epidemiologia é refém das concepções de doença, objeto primordial e elaborada baseando-se na clínica.

Ao lado de rever, analisar, criticar, inovar sobre o conceito de saúde, acompanhar os escritos expostos no livro permite identificar a preocupação do autor em debater sobre os conceitos estruturantes da metodologia epidemiológica. Assim, dedica-se a explorar categorias como objeto, risco, causação, causalidade, multi, inter e transdisciplinaridade, a epidemiologia e a clínica, entre outros pontos importantes.

Abordar o conceito saúde tal como trabalhado no campo da epidemiologia é impositivo, e no livro Naomar analisa seus aspectos de modo primordial, apontando a ausência de atenção a questões filosóficas e teóricas, bem como a insistência dos epidemiologistas em buscar a estrita quantificação de eventos. Assim, se desdobra em vários momentos a apontar caminhos pertinentes para promover reformulação e revisão dos postulados teóricos. Apoiado em cientistas de diversos campos disciplinares, dos quais nos fornece as respectivas referências, não deixa de aprofundar-se na análise das diferentes concepções utilizadas na literatura, bem como na atuação dos formuladores de política, nos epidemiologistas voltados para a pesquisa e nas formas de atuação dos profissionais de saúde. Um excerto de sua escrita reflete a preocupação do autor e orienta o leitor da necessidade de atenção: *“Em suma, se conceituamos os fenômenos de saúde-doença como processos sociais e aceitamos o pressuposto de que os processos sociais são históricos, complexos, fragmentados, orgânicos, corporais, conflituosos, dependentes e incertos, precisamos gerar os dispositivos interpretativos mais adequados para referenciar, com o devido rigor, os objetos da pesquisa científica em saúde. Para tanto, urge conceber e utilizar uma abordagem capaz de fazer jus à natureza complexa e múltipla dos processos concretos relacionados à vida, à angústia, ao sofrimento, à dor, à doença, ao cuidado, à cura e à morte – à saúde, enfim – que ocorrem em conglomerados humanos históricos”* (p. 453).

Aponta, no capítulo específico intitulado *A Questão Conceitual da Saúde*, que esta não é, enquanto objeto plural, mutante, relativo e não ontológico, questão original ou recente na ciên-

cia, apontada que já fora em 1882, por Friedrich Nietzsche. Suas indagações sobre saúde, como referido em diversos momentos do livro, lhe permitem propor encaminhamentos e desafios consistentemente elaborados para os quais se impõe a reflexão da comunidade epidemiológica e, reiterando, das disciplinas da Saúde Coletiva, bem como do setor saúde em geral.

Detém-se a analisar e rever com propriedade o conceito de risco, elemento fundamental no campo da epidemiologia. Retomando sua crítica inicial, insiste sobre a pouca atenção da perspectiva teórico-metodológica e aponta seu uso como entidade exclusivamente operacional, restringindo-se à dimensão da probabilidade, não dando conta, portanto, da complexidade que cerca os objetos da disciplina e promovendo, nas palavras do autor, *“uma redução dos sistemas, dispositivos, forças, vetores, agentes e atores que compõem estruturas complexas a elementos simples e conexões lineares”* (p. 247). Em certo momento, fundamenta suas observações contando com o seu domínio das artes culturais (outra qualidade de Naomar), fazendo-se valer da obra de Saramago (*Todos os Nomes*) e da tetralogia *Matrix*, evidenciando e reiterando a complexidade marcante da vida humana e do mundo, plena de imprecisões e de ambiguidades, cuja integração disciplinar de conhecimentos proporciona percepções mais confiáveis e convicções mais defensáveis.

Na sequência de seu pensamento, articulando às questões que postula sobre o conceito de risco, traz à baila uma ampla discussão sobre o causalismo epidemiológico. O termo causa, que tradicionalmente é entendido como associações probabilísticas de risco, se transforma, tal como se identifica no texto, num processo de naturalização, suprimindo seu caráter histórico, mostrando uma vez mais a ausência da complexidade que cerca o objeto da epidemiologia. Este tema também se vê representado quando brinda os leitores fundamentado na sua experiência e na farta citação de autores fundamentais, com uma análise das relações entre a clínica médica e a epidemiologia (curiosamente, afirma que ao entrar em contato com os protagonistas desta linha de atuação foi capturado pela doença infantil da resistência à epidemiologia, que hoje renega) na perspectiva das epidemiologias sociais.

Fazendo uso de sua rica experiência em várias posições acadêmicas e de sua dedicação a fundamentar seu inquietante e atento interesse científico, introduz no debate um assunto que não só diz respeito à epidemiologia, mas inclui

o campo da Saúde Coletiva como um todo e o próprio setor saúde. Trata-se da transdisciplinaridade. Visita os termos multi, pluri, meta, inter e transdisciplinar e, em um de seus “arremates”, faz uma citação de Nicolescu: “a *transdisciplinaridade*, como prefixo ‘trans’ indica diz respeito àquilo que estão ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (p. 514).

A profícua produção se completa com a parte mais original do livro quando adentra a expor a teoria da holopatogênese. Discorre sobre e indica as bases de sua aplicação para o entendimento de objetos complexos e singulares, exemplificando com a pandemia/sindemia da COVID-19 para demarcar o necessário esforço teórico.

Promover a resenha de um livro com 23 capítulos e quase 700 páginas contendo rica e bem fundamentada exposição sobre a história da epidemiologia, passando pela abordagem dos conceitos que estruturam essa disciplina científica não se esgota no espaço dedicado pelos periódicos. Entretanto, ao redigi-la, constatamos que esta apreciação se configura mais como um estimulante para que este livro seja reconhecido como um importante material para orientar o debate que é impositivo nos programas de formação de recursos humanos para a saúde, de desenvolvimento científico, de prestação de serviços. Debruçar sobre os termos que estruturam a disciplina, como saúde, processo saúde-doença, causa e risco, probabilidades, transdisciplinaridade, desigualdade social em saúde, epidemiologia e clínica, epidemiologia social (que aponta com propriedade a redundância do social, haja vista o qualificativo social estar contido no seu nome – *demos*) e holopatogênese permite encontrar nele as bases estruturantes para fazer avançar, ainda mais, o diálogo/debate/crítica necessário para confirmar a importância da ciência epidemiológica que a pandemia reforçou.

Moisés Goldbaum ¹

Euclides Ayres de Castilho ¹

¹ Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
mgoldbau@usp.br

Colaboradores

M. Goldbaum contribuiu com a redação e revisão; e aprovou a versão final. E. A. Castilho contribuiu com a redação e revisão; e aprovou a versão final.

Informações adicionais

ORCID: Moisés Goldbaum (0000-0002-8049-7824); Euclides Ayres de Castilho (0000-0002-7352-8784).

1. Almeida Filho N. Epidemiologia no pós-pandemia: de ciência tímida a ciência emergente. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2024.

Recebido em 22/Abr/2026
Aprovado em 08/Mai/2026

Coordenadora de avaliação:
Editora Associada Martha Cristina Nunes
Moreira
(0000-0002-7199-3797)